

Continuação de uma história **A Fuga do Cinema (6ª Parte)**

Vila Dois Rios dispõe de uma história local de tal ordem que, tornou-se lendária entre as povoações que conheceram a de perto.

PÁGINAS 02 a 09

Festa de GRATIDÃO à PROFESSORA JANNY

PÁGINAS 10 a 14



Janny, parou ante o bolo e ouve com atenção (cantar parabéns, recebeu congratulações de aniversário e depois, partiram o bolo.)

EXPEDIENTE

OS TEXTOS e ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ. Com exceção da página 11 – o texto é da autoria de Bruna Stefhani.

VENHO CONTANDO UMA HISTÓRIA. A Fuga do Cinema que ultimamente publiquei a 4ª e a 5ª parte respectivamente nas edições 39ª e 41ª. E, para a continuação passei a limpo umas páginas a mais, pensando em ser fiel ao tempo sem deixar de lado o fio da meada, pois recolhi estas linhas que eu procuro contar aos leitores interessados pelas histórias da Vila. Quisera que todos eles sentissem com ansiedade e o prazer com que guardei os escritos de nossas volantes que, cruzaram as matas da Ilha Grande por tanto tempo: Elas fizeram isso desde o raiar das casernas nestas terras, que são histórias tão valorizadas atualmente em busca de recompensa do tempo.

Pouco se sabe daquela gente que fizeram história, que corre o risco de serem apagadas, esquecidas ou deixadas de lado. Pois, a meu ver, as Volantes foram um dos maiores movimentos "culturais" personificados da luta com as diversas gerações de prisioneiros que tentavam ganhar brutalmente a liberdade pelas matas, uma vez escapando do perímetro da prisão da Ilha Grande.

Uma "odisséia se passou", desde o aprofundamento das mudanças políticas do País. As Volantes da Ilha Grande acompanharam o que se chama de "segurança máxima", garantindo e dando total tranquilidade ao sistema de segurança do Rio de Janeiro, pois, era aqui que estavam os prisioneiros mais audaciosos e por isso os mais perigosos que vinham da cidade carioca. No desencadear da luta revolucionária que deságua na tomada do poder e no ditame da Lei de Segurança Nacional que superlotou de presos a Ilha Grande e mais tarde com a organização criminosa as conseqüências foram trágicas, logo vieram os aumentos de evasões de todas as formas: por túnel, pulo de muro, evasão das turmas de trabalho, abuso de confiança e outras mais. Aí vêm as volantes -, entra em ação a toda hora, diuturnamente em alerta, sem dar descanso ao pessoal do presídio para que o sistema penitenciário preserve a segurança da sociedade, mantendo encarcerados os bandidos perigosos. Esta é a tarefa fundamental da Volante.

A Fuga do Cinema foi conseqüência deste descabro e para retomar a normalidade nestes dias necessitou de muito esforço, formando duas equipes de volantes:

- uma de Francisco Euzébio e a outra equipe de nove volantes e três reforços, foi entregue ao mestre cabo Antônio Nicássio.

A tarde é sua!

Já me vou. Amichi meu amigo tenho que ir andando e bem! - Respondeu Nicássio com espírito subalterno, destinado a servir a unidade prisional e nada mais do que isso.

- Vai com fé meu amigo, com seu pessoal! - Disse-lhe o Amichi, com jeito amigável. Tem pouca munição, mas dá para todos!

O "velhinho" Antônio Nicássio como ele mesmo se intitula, por ser talvez um volante dos velhos tempos. De imediato sai na portaria da prisão, com a fresca da tarde agitando um pouco a folhagem das coníferas que sombreia a pracinha do Corpo da Guarda do IPCM na Rua Amapá defronte o busto de Cândido Mendes. Aqui corre o movimento constante e lá para dentro da cadeia está à equipe do Serviço de Segurança. Quem vai e quem fica sente-se um suspense no ar, e o receio da evasão no Cinema, o que enche o Corpo Funcional de mágoas.

- Vai trazer os vagabundos da fuga? Perguntou-lhe Gilberto, comandante da Guarda Externa.

É bom pensar assim, mas eu lhe digo: Esta volante que se vê nunca saiu para não trazer o prisioneiro.

- Que tenha a sua sorte e continue com ela.

Não gosto de levar quem não é obediente. Desobediente comigo não anda.

- Tem gente que é desobediente, mas é bom volante, seu Nicássio. Falou-lhe o Cabo da Guarda em defesa de alguém.

Eu sei! A bondade só não resolve o problema, precisa ter entendimento de equipe, que me respeite. Não gosto de qualquer um. Conheço essa gente toda da Cadeia como conheço o meu Joaquim.

Muito trabalho, seu Nicássio? Perguntou-lhe o soldado Fernando Mastiga de serviço aqui na Guarda.

- Essas fugas estão de mais. Tenho saído até de cueca correndo de madrugada para pegar preso que pula muro. Com o barulho dos tiros no muro acordo, levanto e saio com arma na mão.

Até a volta Gilberto!

O chefe da volante vai andando e falando, enquanto se ouve a voz do companheiro que vai ficando para trás. E, Gilberto volta da esquina próxima a Legião Brasileira de Assistência (LBA) para o seu posto de serviço no Corpo da Guarda. O chefe da Volante, Antônio Nicássio continua apressado, vai se arrancando estrada a fora que, é uma continuação da Avenida São Paulo e não parou mais para nada. Na beira da estrada próximo à estrada da horta que se estende na margem do pequeno rio formado pela Usina hidroelétrica, neste momento encontra-se algumas moças conversando que, aparentam seus mais ou menos vinte anos, de cabelos encurtados soltos nas costas, umas branca e outra morenas, entre elas a Aninha filha do faxineiro do Estábulo. É nada mais do que um grupo de amigas de histórias e danças que praticam de tarde em casa, e tem hoje o suspense da fuga como assunto do dia; o clima estabelecido hoje pela Fuga do Cinema, deixa as de olhos em tudo e com medo não deram uma palavra se quer, somente, olharam de pé a Volante passar em caminho para o Sítio Forte. Nicássio neste momento observou algo que não gostou, ali mesmo por isso deu um carão num guarda moço meio tolo que fizera menção de agrado as jovens, algumas delas com vergonha abaixaram a cabeça e outras viraram o rosto. O chefe da Volante olhou firme para elas e continuou passando na estrada pela frente do Estábulo e retrucando: “são filhas de preso”, se referindo aos colonos-livres e ao guarda indiscreto. Não se pode amolecar. É preciso saber que estão em serviço, não me leve a mal, pessoal! Nós não estamos aqui para divertir com alguém! Se não quiser ir pode voltar. Estou falando sério.

E, o chefe da Volante, Antônio Nicássio se mostrou um tanto mais grosseiro: “Nesta volante mando eu!”. Quem recebeu ordem à tarde inteira e segredo dos mais cabeludos? Quem está calejado de andar atrás de presos no mato? Falo

e oriento sim senhor. Isto aqui não é hora de brinquedo com moça para namoro. Isto é serviço sério, rapaz!

As moças ficam para trás e desaparecem na distância, enquanto que o chefe da volante aperta mais ainda o passo deixando o horto de couve da várzea e os craveiros floridos da beira da estrada espalhando no ar o perfume emanado na sombra do morro, acabando de acentuar sua mortalha sobre o vilarejo de Colonos-livres, confinada pelas duras ordens impostas pelo Serviço de Segurança do IPCM em consequência da Fuga do Cinema.

Antônio Nicássio parece que preocupado, olha para os lados e com os olhos procura nos fins das duas pequenas várzeas algo que não encontra. No semblante traz coado o sentimento vaticinador querendo falar alguma coisa... Demora ainda um pouco olhando o que não vê num vale verde e viçoso e afinal interpreta um monólogo:

- “É o que lhes digo rapaziada nova – vocês que vieram de fora tem que saber valorizar o ofício. A minha vida foi sempre esta: cumprindo ordem e colaborando na volante. A verdade é que comandante de companhia de polícia e diretor de presídio nunca me obriga a fazer o que não gosto. Vivo nesta vida de mato como se fosse obrigado. E ninguém sabe dar valor a policial de volante agregado no presídio. Se o velhinho aqui estivesse na companhia: é ruim hem?! Sair no serviço do presídio. Estava era lá na guarda. Não é reclamação, não. Ninguém sabe o que é este serviço aqui. E, ainda estão querendo me joga numa compulsória. Só aqui na volante estou para mais de vinte anos trabalhando. Vim pra cá no tempo que isto aqui era colônia agrícola. Coisa de um tempo que tinha muita ordem, e, a segurança era máxima. Na Ilha Grande naquele tempo fuga era coisa rara, fuga era coisa do fim do mundo, fuga era como se fosse a explosão de uma bomba atômica numa guerra, gente corria para todos os lados, O Corpo Funcional se espalhava e transformava isto aqui numa batalha de campo até encontrar o preso. Tinha gente para todo lado procurando. Em pouco tempo o preso era recapturado. Havia volante de verdade. Vamos

andar e aproveita o sol enquanto não quebra de todo no alto do morro”. E, o Nico avança

velozmente, sempre com seu sonho de levar a volante à re-captura imediata.

II

Na Portaria do IPCM do lado de fora o “Cata Cornos” é o coletivo do dia da Fuga do Cinema. Uma carroceria improvisada de madeira sobre o chassi de um caminhão de sete metros parado aguarda as ordens do senhor diretor para levar a Volante de Francisco Euzébio ao Abraão. No volante tem o próprio chefe do Setor de transporte, Cabo Helton com as mãos no volante esperando a hora, calmamente, sentado. Surge a Caravana que demorou um pouco passando sebo nas canelas.

Agora conforme o prometido vai virar os ermos no rastro dos fujões. A par da travessia do mar o encarregado de que o capitão Diretor pedia sua presença no Sítio Forte; para isso Chico Euzébio requereu passaporte para sua Caravana inteira e foi embarcar no Cata Cornos: No mais, começa aqui na porta da prisão a viagem para o afundado sertão da Ilha Grande. Como de costume sua equipe ele prepara para desentocar qualquer covil que, nessas alturas seja lá de vagabundo, lobisomem ou zumbis formando uma súcia constituída de doze indivíduos. Todos perigosos em fuga preparada, com suspeita de portar arma de fogo, pois é o que tudo indica e por isso requer muito cuidado no caminho por onde passa. Enquanto que o chefe da Volante leva o segredo que tem e a recomendação direta do Diretor.

- Gravatinha, tido como um guia experiente que leva o bando, pois é um fujão que já conhece alguns caminhos do outro lado da ilha. E ainda mais é cheio de artimanha para levar as volantes a enganar-se, com objetivo de obter êxito: Em terreno macio engana a volante que vem atrás no rastro – não anda normalmente na areia – anda de costas num pé só que nem o capeta. Do miserável viera todo sucesso desta Fuga do Cinema. Uma suspeita de fuga sobre este impossível, se apossou de morte de

qualquer guarda da Cadeia – nunca fez nada que não seja somente o que sabe fazer: fugir. Baixo e horrendo – guarda as caras de lobisomem dos muitos de uma corja que ronda o presídio: em busca de sangue e pinote. É um sujeito que um dia está atrofiado numa carinha de zumbi, outro inchado, outro não. Um dia tem olhos amarelos, outro dia tem olhos vermelhos. Na cara sempre traz uns farrapos de barba. Precisa ser temente para um desencantamento dessa raça encantada que um dia é gente e no outro é bicho. Assim é o preso que faz parte do efetivo carcerário do IPCM e tem como vulgo o nome de “Gravatinha”.

Para recapturar a bicharada que ganhou o mundo pelo Cinema do IPCM hoje pela manhã, o senhor Diretor se apressa expedir logo a outra volante do esquema montado pelo Serviço de Segurança: Um grupo de guardas e policiais bastantes entendidos para evitar uma desgraça maior, forma a segunda volante deste dia, depois de ganhar reforço, com licença sai do Gabinete que fica enclausurado no Prédio da Administração e desce o retângulo da escadaria larga sem usar os corrimãos prateados tão ligeiros como se aquilo fosse um parapente. Pois ali ostentam o luxo para uso de autoridades visitantes. Uma vez os volantes estando embaixo no salão do térreo, o Sub-Diretor expede lá de cima a ordem às galerias da Guarda Interna para liberar o SdPM Ubiratan Bráulio Campos, que ficou organizando a sua retirada para apresentar-se na Portaria ao Cabo Gilberto, comandante da Guarda Externa, pronto para formar na volante de Chico Euzébio. A lancha “Tenente Lorette L-20”, já desde cedo aguarda lá embaixo atracada no Porto de Abraão como é de costume com a guarnição embarcada e para hoje tem no comando o mestre Jójó. Com este agravamento da situação estável são as viagens aumentadas,

somadas as descargas e embarques de presos. Com a região Abraão e Vila Dois Rios atrelada à Mangaratiba segunda, quarta e sexta-feira entra em ação a "L-30 Veríssimo" e o mestre Dariinho no comando desta embarcação. Além do mais a lancha Tenente Lorette faz muitas outras viagens com as fugas que andam de estatísticas muito por cima do normal. Ao ponto do pessoal das volantes não ter tido tempo para pescar nas horas de lazer. E a Lorette por sua vez se movimentando, busca as cargas que aparecem, atendendo qualquer necessidade da região de Dois Rios e Abraão com exclusividade para ajudar a Veríssimo que procura estar sempre junto ao porto para atender as necessidades menores. Porém, com esta situação instável do dia de hoje a Lorette e a Veríssimo aguardam ordem de partida a qualquer minuto e a situação se torna muito mais difícil de noite.

Esta tarde marca muito bem a fuga com a sua luz que não é normal, fechando o dia de hoje com o vale por aqui banhado de vermelho do sol, quebrantando o verde teimoso ainda tocado de leve pelo crepúsculo das últimas horas da coloração cambiante! Ali fora está o pobre ônibus da Colônia, que foi batizado, com um nome tão esdrúxulo! — "Cata-Cornos". Propriamente uma apologia que não se justifica, se comporta triste que nem camelo de carga no Oriente. O bicho de vez enquanto sacoleja um pouco a sua carroceria, parece a dizer: estou com pressa ou para arrumação da carga a levar para o Abraão. Muito depois já com a Volante embarcada a custo parou de agitar e confirma a licença de partida. — Falta-lhe funcionários para viajar e vem a ordem lá de cima para esperar o expediente, pois, os guardas que trabalha na Administração e residem no Abraão vai aproveitar e descer agora com a volante. Primeiro aparece ao portão no rool do prédio da administração: Jorge Ribeiro, logo depois Nancibe, junto com velho pai do João Lucas o senhor Lucas, seguidos de Walkir Coutinho, no minutinho seguinte aparece o chefe da administração Natalício José Martins e, aí vem a Olinda, se remando como pode com o seu corpanzil, na retaguarda vem o Adilson Teixeira

da Cunha, com seu vozeirão de sempre explodindo alto ouvindo daqui ele falar como sempre falou sem trava na língua um montão de palavras de informações inócuas. Agora o prédio da Administração está quase vazio, ficando lá trabalhando somente o senhor Diretor e sua equipe de Segurança.

O carro agita novamente, sai e entra na alameda principal da Vila Dois Rios, afastando-se de vagar; parece que esperando algum retardatário — é, pois, Ubiratan Bráulio Campos, correndo para seguir viagem na Volante. O camelo vai saindo e o busto do patrono Cândido Mendes, vai ficando longe até desaparecer. Na última encruzilhada, já próximo do "Cassino", as professoras da Escola Estadual Padre Júlio Maria, faz o carro parar — a diretora dona Deyse, professora Rita e a Leda, entram, seguidas dos guardas: Domingos e Erli, que escalados vão seguir para o serviço de Diligência na Praia do Sítio Forte. Aí, a Vila vai finalizando a cada parada do camelo. Então, surge o contorno acentuado da Praça Nestor Veríssimo. O "Cata-corno" com a lotação completa dobra na última curva, entra na alameda, das Palmeiras Imperial, ganhando a estrada e avança e neste momento a Vila recebe o seu derradeiro adeus.

Agora, bem lá na frente do camelo gingando com a carga pesada, aparecem os detalhes imponentes das Palmeiras Imperial, são os majestosos troncos que vão engrossando e passam voando cascudo como se fossem pés de pavão velho. A bordo, toda esta gente acomodada, em bancos rústicos de madeira, fabricados, parece quê, na carpintaria do Presídio, se envolve no aroma que surgem das flores amarelas camufladas de folhas viçosas de sobejo nas pontas dos ramos mais altos, de onde exala com o vento, o perfume no vermelhão da luz de sol da tarde encravada para sempre.

Pois, aí, a viagem segue para um lugar qualquer tranquilo da ilha, mas leva um presentimento incômodo; causado pela Fuga do Cinema, ocorrida neste dia medonho. Até a volta! Minha Vila Dois Rios, que nada responde. Mas, com certeza ouve a gente. E vem o vento teimoso cantando a última melodia do dia,

soprando-lhe de enfiada, contra tudo ao redor da primeira rampa na estrada. Que fica arrancando na gente um pensamento fascinante. De gente do mais antigamente, não relembrar nunca mais ter existido um dia de semelhante momento.

— E a lotação segue vencendo, preguiçosamente, as curvas da gloriosa estrada, atrás de uma fuga que, dobrará a tarde com a noite temida, aproximando.

— O cruzamento da mente voa de mato adentro a procura de algo bem longe da Vila Dois Rios.

— E da curva mais alta desta estrada, por cima do mundão olho ainda as casas do povoado branco lá embaixo quase sumindo, ficando em despedida nesta tarde que não acaba mais.

O carro continua locomovendo e mais a frente. De repente toda a lotação é surpreendida por um bando de arapongas que chega. Agora, os ouvidos da turma são todos de uma cantoria só, no Britador; onde estes pássaros fazem a festa neste momento.

— O ônibus transportando a volante de Francisco Euzébio, desliza beirando a barreira conhecida propriamente como “Saibreira”. É quando escuta um barulho. São os pássaros que se aproximam, passando pelo alto das árvores frutíferas e descendo até elas, fazendo com que a montanha de novo mostre sua magia, seu poder. Em seguida vêm as cantorias das aves. — Cessaram as conversas e em silêncio os passageiros ficaram ouvindo este momento: (da cantoria das aves). — Aí, o céu se destaca pela púrpura do crepúsculo —, a floresta e o pessoal sentado, forma a platéia. Os homens que sempre falam alto emudeceram o tempo todo. Ainda não vi e desconfio que o leitor, não vai gostar de “um grande momento”, pelo menos não tanto quanto o da partida, mas, este foi um dos mais fascinantes que viveram na localidade. Um dia. Importantes recitações poderão dar conta deste momento “impar”, ou melhor, um clássico momento definidor do dia “D da Geração-70”, em que, se deu a Fuga do Cinema — os “anos loucos que atravessam da geração boa” e da qual esse “cantar resplandecente” é a voz e a biografia de uma canção feitas pelas aves, com seu belo bico atormentador. Sobre o momento

desse dia de hoje posso afirmar: É uma sena de milagres, é um dia de arte, é um dia de excessos até dos pássaros! — de excesso, dissipação e extravagância comportamentais da natureza! E foi também o dia da jazz, quando os passarinhos resolveram se ajuntar num arvoredado pertinho da estrada sem a sedução da presença do camelo lotado circulando por perto. É tudo ouvido. A batida do timbre da voz destes pássaros nas aroeiras da praça de alimento e palco de concerto — onde uma ave bate o martelo de um lado da estrada e logo a outra responde, lá longe por perto do Britador. E o camelo vai passando pelas “Duas Irmãs”, sentadas no meio da festa das lindas arapongas. Para desespero, a sinfonia viera aperrear o sentimento de muita gente — volantes e diligentes que, vê a vida dura, e outras vêem diferentes formas de cores, textura, aroma e sons. Sem dúvida, os diversos sons que saem da mata confirmará estas observações.

Ao chegar ao Britador ouve ainda o estalar, do cantar dos pássaros que, ficaram na festa. Neste desconcerto o ouvinte vai se ajustando e enrijece novamente na tensão da missão faroeste, embarcado no camelo que comporta carga e gente, arma e pensamento tolo. Neste ambiente, o ônibus vai roncando e passa pelo Britador. Do outro lado, já na descida, todos os passarinhos da mata, parece que vieram à beira da estrada, fazer honras a este dia muito agonizado. Agora, correndo sem poder deter uma evasão, o ônibus vai vencendo uma curva e outra da estrada com pressa para obstar o bando, atingir o seu objetivo ainda no decorrer da noite que se aproxima ou pela manhã seguinte — na travessia da baía.

A incerteza de um grupo de Guardas Penitenciário, nesta hora inesperada de repente, a fuga toma conta do ambiente criado no interior da condução, antes mesmo de chegar ao cais, qualquer coisa ainda pior que a incerteza: a presunção da morte no encontro do bando.

Enquanto não se chega ao cais. A turma aqui dentro desta lotação, só sabe mesmo, é contar casos que relembra algumas fugas que ficaram na memória, porque as outras, circunstâncias evidenciam ilusórias observações — como responde José Carlos, um tanto intrigado

com as coisas faladas para ele. Repassa o assunto do caso em questão para outra pessoa responder por ele; é por isso que conta casos o tempo todo, mas os casos são fundamentados em acontecimentos cheios de incidentes de risco de vida ou de morte. Narra-se com orgulho o heroísmo de certas recapturas das quais alguns deles participaram, feitos corajosos dos mestres das volantes antigas que, conheceram num tempo marcado, propriamente por Nestor do Sítio Forte, Zaquel Pereira e outros volantes da velha guarda da Ilha Grande _ os mestres dos mestres atuais. Quando se falam dos êxitos das famosas "diligências". De contra partida se tem também, o lado ruim. Pois, até náusea sentem, quando fala de nome de algum guarda relapso neste tipo de serviço nas praias, cujo, se lembram de um sujeito que dormiu em serviço uma vez, enquanto que, os presos foragidos chegaram à referida praia, roubaram lhes uma canoa e foram embora. Fingem-se quando se fala nesses casos ruins, sentir náuseas e cospem, porque um guarda na diligência, já mais, pode deixar isso acontecer. São assim, costumeiramente falando alto, contando fatos da lenda tradicional que invoca casos pitorescos. Vai acontecendo uma verdadeira fúria nesta viagem para o Sítio Forte. E, Chico Euzébio vai aproveitando o tempo para dar instruções. Como assunto principal ele faz lição e deduz ordens sem parar, dizendo: "Trabalhar duro, para rir depois!" E, assim, orienta os seus volantes, alguns componentes, que são guardas ditos os "novinhos" e, outros que já gostam de sair na volante mesmo para andar pela ilha, com segundas intenções _ arranjar namoro nas praias. Quando se trata do Sítio Forte é um caso especial para o gosto de muitos interessados nessas aventuras da idade jovem.

Nestes lampejos da viagem, o camelo, ou melhor, o ônibus conhecido como "Cata Cornos", já vai se aproximando da Curva da Morte, como sabem, é o melhor lugar da estrada para lobrigar sem esforço a paisagem do Abraão, neste instante a lancha Tenente Lorette, mostra-se que bate ponto o dia inteiro na lateral do cais _ um clássico monumento do século XIX, um

lajedo plano tingido de caulim, suspenso em duas alças longas coloridas de azul céu.

Mas deixa ser que, enquanto não se chega ao Porto do Abraão. Ônibus se transforma numa autêntica roda de prosas e de pilhérias. E neste panorama muitas histórias foram recordadas hoje neste trecho da estrada por alguns moradores nativos, colocando em evidência, as curvas preferidas, recitadas de forma que ninguém fica alheio; acaba deixando o coração batendo com vontade de ouvir, quando se começa a falar de uma curva importante da estrada na história deste lugar; quando se passa por alguns destes locais, surge então, o motivo da narração às vezes bastante cômica. Como foi vista do alto a bela curva que passou, serviu de motivação para o comentário a respeito do local um tanto curioso. A lenda coube ao SdPM Bira, que fez a narração, dizendo que:

_ "a Curva da Canituba ganhou este nome, porque morava ali um companheiro seu, um Soldado vigia, daquela região conhecida atualmente como sendo a Curva da Canituba. _ No local era predominante à presença de uma planta estranha que, o seu caule era formado por um canudo longo igual a um pequeno tubo. E, em uma determinada época o Soldado fora promovido a graduação de "Cabo", este Policial ficou sendo o morador da casa lá existente, fez no local uma importante criação de cães adestrados para farejar prisioneiros em fuga, que por ventura, escapasse da cadeia e tentasse atravessar àquela região, em fuga de noite ou qualquer hora do dia, com objetivo de alcançar o outro lado da montanha, Abraão afora, onde possivelmente se encontra maior número de embarcação como canoas e etc. com mais chance de roubar uma para atravessar o mar. O Policial adestrador de cães estava sob as ordens do Comandante da 4ª Companhia Independente da Polícia Militar (4ª CIPM), morando naquela casa que fica na beira de um linda cachoeira. Ali ele adestrava os cães pelo assobio reproduzido pelas longas flautas feitas com os canudos da planta estranha que, existia perto da casa, mais aos fundos. Onde ele estivesse, na região e tocasse aquela flauta os cachorros vinham

correndo pelo assobio. Os cães estavam sempre alerta e tinham o faro apurado, no cheiro do preso, impedindo de modo que nenhum prisioneiro ousava passar por ali ou mesmo ao longe, porque os cachorros atacavam. Ainda mais quando se tocava uma flauta a cachorrada já sabia, tinha alguma suspeita de fuga na área. E assim a companhia de polícia ficava tranqüila sabendo que aquela região era patrulhada diuturnamente. O comentário a respeito deste fato referente ao canil e das tubas, foi ficando no imaginário popular, como (canil + tuba = canituba). Assim se deu o nome atual do local conhecido como: "Curva da Canituba".

No auge desta viagem da Volante de Francisco Euzébio, na estrada para o Abraão com destino ao Sítio Forte, dentro do ônibus, cada um viajante que conhece alguma história vai debuxando-la entre uma e outra lenda de algum tempo, surge na prosa algo que tem haver com o Morro do Cruzeiro. Referindo-se às pessoas mais antigas da região, cujo, dizem que aqueles antigos moradores da região falavam de uma lenda relacionada a uma "colina" quase sagrada para o povo:

— "Pois é o local que foi escolhido antigamente, pelos escravos da fazenda de Dois Rios, para levantar um misero cruzeiro rústico feito de madeira da região, para cultuar suas fé com a devida autorização da metrópole. A permissão fora concedida depois de muita interferência do pároco da região para os escravos todos da Ilha Grande. O local do cruzeiro dos escravos da Vila Dois Rios passou a ser o santuário de alívio dos sofrimentos das almas e padecimentos das angústias das senzalas dos escravos na fazenda. E a divindade de alívio dos sofrimentos é a Santa Nossa Senhora Mãe Protetora dos Homens. Mais tarde nesta dita colina, os meeiros descendentes da fazenda ergueram a primeira capela da Vila. Tendo ficado no local esse princípio de fé que tornou com o tempo meio consagrado aos fiéis da religião Católica. Que conservou o local por muito tempo, até que, com a organização dos arruamentos da Vila, mudaram também a capela lá do alto para o local atual no vilarejo. Mas a Colina continuou sendo um outeiro de fé e a

nova capela de Nossa Senhora Mãe Protetora dos Homens, construída na entrada da Vila, não apagou esta imagem do Morro".

— "Lá no Morro"! "A igreja era lá no alto"! É uma simples expressão quase que comum entre os moradores da Vila Dois Rios. Surge aqui hoje, nesta condução este fraseado, nas conversas que o tema central aborda. Ou seja, o passado da igrejinha da Vila Dois Rios na versão do Soldado Ubiratan Bráulio, natural desta terra. Sua História revela um passado de muitos dos componentes desta viagem histórica: a da "Fuga do Cinema". Na verdade o Bira, é um ator cômico de natureza, alegre, meio moleque, dado a usar pilhérias naturalmente no que fala.

Chegando ao fim do percurso nota-se nas pessoas sinais de fadigas no olhar para os lados, no olhar para longe pelas janelas e ao perto após levantar e andar no pequeno espaço do corredor do ônibus, ruidoso sacolejando seus bancos duros de pau de dois assentos como se fosse sala de aula do tempo dos bisavós desta geração. E, a vista cansada de subir e descer picos vai murchando que nem ramo de arruda que benze mau-olhado.

A cerca de uns dois kilometros, pouco menos ou mais está a Vila do Abraão, três vezes esta distância fica a Vila Dois Rios. Uma e outra cresceram na base das montanhas ligadas pela mesma estrada, onde o ônibus do Instituto Penal Cândido Mendes, conhecido comumente como "Cata-Cornos" circula todos os dias e, em qualquer situação de emergência fazendo parte da frota com outros veículos que vai do jipe aos caminhões de sete metros de carroceria e tantos outros. Alguns, exclusivamente militar cruzam o acesso ao Abraão que neste instante vale a pena dizer está quase em festa, para esperar a Volante e o pessoal do Expediente. Aqui é sempre assim, quando chega e sai a barca, e ou a, condução da Colônia.

Seja agora nesta passagem rápida ou em momento mais prolongado, o que fica valendo mesmo é o olhar de admiração: Só esta visão sobre uma paisagem incomum, cujo chão pertence o Presídio da Vila Dois Rios, paga toda a viagem. O carro vai se acomodando entre o povo que o espera com um olhar de sentimento

e de orgulho aguardando o Expediente e a Volante que vai seguir navegando para o Sítio Forte.

A Praça do Porto do Abraão, se derramando em alegria, recebe em festa o "Cata Cornos". A Volante salta perto da rampa do Salva-mar puxar barco para limpeza de casco. E já nos marca-pontos de sempre, aonde, de costume vêm olhar o movimento do dia, de chegada e saída das embarcações do cais que é uma grande atração do lugarejo. Moradores que aqui estão gritam de longe: Chico! Euzébio! Jovelino! Valdir! Em cada ponto estratégico, uns rapazes, moças, senhoras, todos tem laços muito íntimo. Todo o povoado recebendo os volantes de braços abertos. Os mais velhos comerciantes vieram agradando. Na entrada da ponte ao lado, um casebre de madeira movimentado com a sua janelinha aberta, muita gente ali conversa animadamente, alto.

_ Vão, chegar lá de noite velha _ com este seus jeitos franco de mostrar as suas alegrias. Falam: - Vão com Deus!

Ainda, a Volante caminha para à Lorette, atracada quase na cabeça da ponte. Do lado oposto está a Veríssimo no cabresto, como se fosse uma besta pastando na corda.

_ Toda volante está aqui pronta para embarcar? _ Perguntou com seu orgulho de chefe _ o encarregado das embarcações. Estava bem ali o responsável do serviço marítimo. Mais tarde consentiram mais acertadamente o cuidado desta grande afeição.

Enquanto isso a Vila de Abraão toda esperava pela a sua movimentação da ponte (cais). Os moradores do lugar cumprimentavam a seu jeito:

Levantando o braço direito. Um diz para o outro _ aquele lá é um guarda novo! Que chegou agora na cadeia...

Francisco Euzébio entrou logo na ponte puxando a sua volante, ligeiro para o destino desta noite chegando sem poder ser dormida; cansados puseram-se logo caídos por cima dos tapumes do porão de carregar preso e mercadorias das mais diversas do presídio, como quem quer sentir de mais perto a boa madeira que se acomoda para dormir na viagem.

_ Vocês agora descansam.

Aí, ficaram cogitando a presença de tudo da função. Nesta hora, não tem seu querer, nem para que ali esta gente de volante, em alguns intervalos, vai vivendo a sonhar com o delírio de uma boa re-captura.

Euzébio _ o Chicão, deu ordem da partida ao mestre Jojó, este por sua vez, ordenou soltar os cabos da lancha e neste momento a embarcação recua um pouco a popa, mas continua presa até soltar-lhe o último cabo na proa. Ninguém mais aqui, por oras, não volta sabendo-se que deste momento por diante, jamais aquieta o pensamento, nem se quer pode imaginar naquele jogo fácil de costume, que de muito antecipa aguardando seus dias e noites perdidas na mata da grande ilha.

A pesar de tudo, isto é apenas um sinal, porque os momentos piores principiam. E, o que se faz, é o que não pensa fazer sem querer, porém surgem novidades. Tudo reluz na mente agora com clareza, ocupando a idéia de tanta coisa passadas: Diversas vezes inventa lembrança de fatos esquecidos há muito tempo e neles todos encontram outras razões de continuar na Volante, na mata, sem que seja pela sua própria vontade.

Assim, se puxa pensamento sem parar o tempo todo. É quando a Lancha Tenente Lorette, a mais valente da região, trata de zarpar, despedindo de todo-mundo que está na monumental praça de Abraão e também, sobre a envergadura da ponte. Lá fora cantam nas jameleiras verde, muito verde, os passarinhos anunciando pela tarde uma noite de bom tempo, com o seu gorjeio quebrado de vez em quando pelo ronco do motor. Nunca uma meia hora encheu tanto de vida como hoje. Tudo é admirável aqui, até a areia da praia, fina gostosa de si ver, neste instante, início de aventura sentindo o cheiro da maresia oxidante da evaporação da água do mar. E escuta o diapasão dos passarinhos que não são os mesmos do Britador. Neste clima a Volante de Chicão toma o destino do rumo, nesta tarde da Fuga do Cinema. Esta história por certo continuará numa das próximas Edições deste jornalzinho.

E, naquele momento a Lorette, abriu força para à Praia do Sítio Forte. Até lá. E muito obrigado.

AGRADECIMENTO À PROFESSORA JANNY



“Feliz aniversário”. Este foi o tema de ontem, 31/07/2014 à JANNY LINHARES FORTES. Recebida na Vila Dois Rios, pelas crianças e adolescentes, com festa que marca o quanto ela é querida por todos. Um carinho que, somente, ela soube conquistar de forma insubstituível. Em sinal de gratidão, Bruna e Emanuela, juntas organizaram

uma homenagem com todo carinho. Que representa uma comunidade ligada por laços de amizade profundos. Porque vem da infância a formação dessa amizade que ontem foi motivo de uma homenagem escrita na página seguinte: onde Bruna, escreveu e declamou “Querida professora Janny”...

Querida professora Janny,

Queremos nesta tarde te dizer muito obrigado.

Obrigado,
pela vontade de querer nos fazer pessoas melhores,
pela transmissão do conhecimento,

pelo incentivo a leitura

pela persistência,
pela dedicação,
pelo desempenho,
pelo profissionalismo,
pelo diferente,
pela mudança,
pelos puxões de orelha,
pelo divertimento,
pela educação,
pelo respeito,
pelo moderno,
pela competência,
pela capacidade,
pela as tentativas incansáveis de nos fazer refletir,
por nos fazer ouvir e entender,
por nos ajudar a resolver nossos conflitos internos e familiares.

por ter sido realmente PROFESSORA, mais acima de tudo uma grande AMIGA.

Com sua excelência, conseguiu nos fazer descobrir um mundo novo, fantástico, espetacular,
tirar as pedras do caminho, e continuar a retirá-las,
conseguiu nos fazer criar, recriar, começar, recomeçar,
seus ensinamentos ficarão para sempre guardados em cada um de nós.

A senhora é um grande exemplo de determinação, de coragem, de luta, de vontade férrea,
de vontade indomável, de busca incansável do conhecimento.

Um grande exemplo de AMOR.

Eu e todas as crianças, os adolescentes, os que hoje já são adultos, os moradores e mães
queremos te dizer: "MUITO OBRIGADO PELO SEU AMOR POR NÓS E POR ESTA COMUNIDADE"

Feliz Aniversário!

Que Deus te abençoe!

COMENTÁRIO BREVE DO MÉRITO

JANNY, autora de um projeto belíssimo posso até dizer que seja a “Alegria de Ler na Vila Dois Rios” — onde o projeto da leitura foi desenvolvido, numa parceria que somente ela conheceu para montagem daquela sala de livros, cujo, tem o nome de “Biblioteca Comunitária”, visa estimular o prazer da leitura e conscientizar crianças e adultos da importância da formação de um acervo literário numa comunidade, principalmente, isolada pelo difícil acesso aos grandes centros, tudo foi possível, através das doações de kits de livros infanto-juvenis e outros. Cada vez que ela trazia os kits, eram feitos os recebimentos simbólicos, com ou sem nenhuma cerimônia no espaço destinado da antiga Escola Estadual Padre Júlio Maria, até hoje, ainda pena por falta de inauguração oficial da Sala de Leitura. Que para ser coerente precisa dar-lhe o nome da sua fundadora: JANNY LINHARES FORTES, pois, foi ou é um dos mais importantes movimentos culturais da Vila. Onde muitas das vezes a comunidade formada por: crianças, adolescentes e adultos, na Vila Dois Rios ouviram atentos à narrativa da fundadora da biblioteca e de estagiárias, sobre livros de inúmeros autores. No ano de 2013, a Associação de Moradores, recebeu os Manuais Catalogados do acervo com centenas de obras. Ao longo do tempo, Janny Linhares Fortes, dividia temas repassando ao público em forma de palestras algumas paginas de alguns dos livros que estão nas estantes da biblioteca, enquanto que as estagiárias conversavam com as crianças sobre diferentes personagens ilustrados nas histórias que somente um escritor renomado soube lhe dar, vida. Neste caso Janny trabalhava como se fosse ela uma edição viva das mil e uma histórias, daquele nayo se comparado ao da “velha Totonha”.

“Que de quando em vez batia na fazenda do velho avô de Lins do Rego, o grande romancista do Nordeste. No engenho era um acontecimento para a meninada. Totonha vivia de contar histórias da coletânea de Trancoso. Ela também era pequenina e por sua vez toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carrega-la,

andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens. Com uma voz que dava todos os tons às palavras.

As histórias da Velha Totonha para o moleque Lins do Rego valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o menino Silvino, primo de Lins, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Lins ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações de sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. O seu Pequeno Polegar era diferente. A sua vovó que engordava crianças para comer era mais cruel que a das histórias que outros prosadores contavam.

A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural deste mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. Havia lá a história de um homem condenado à morte. Onde o bradar dos sinos já dobravam para o infeliz que caminhava para a forca. Era acusado por crime de morte. Todos os indícios pesavam contra ele. E quando o cortejo passava pela porta da casa de sua infeliz mulher em lágrimas. Um seu filho que mamava tirou a boca do peito, e começou a falar em versos, e aí, se descobriu tudo, salvando o pai, que ia morrer inocente. Os versos que esse menino recitava, a velha Tonha declamava com uma expressão de dor de arrepiar. As lágrimas vinham aos olhos do ouvinte, com aquele lamento fanhoso de menino de peito a cantar.

Nos contos da velha Totonha, havia sempre rei, rainha, forcas e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas

grandezas. Lins encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis. O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as floretas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata que tinha na fazenda. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco

A história da madrasta que enterrara uma menina viva era à sua obra-prima: O pai saíra para uma viagem comprida, deixando a filha, que ele amava mais do que tudo, com a sua segunda mulher. Quando partiu, encheu a mulher de recomendações para que tivesse todos os cuidados com a filha. Era uma menina de cabelos louros, linda como uma princesa. A madrasta, porém, não queria bem a ela, com os ciúmes do amor de seu marido pela menina. Pegou então a judiar com a bichinha. Era ela quem ia de pote na cabeça buscar água no rio, quem tratava dos porcos, quem varria a casa. Nem tinha mais tempo de brincar com suas bonecas. Parecia uma criada, com os cabelos, maltratados e a roupa suja. Lá um dia a madrasta mandou que ela ficasse debaixo de um pé de figueira, com uma vara na mão espantando os sabiás das frutas. E a menina passou o dia inteiro tangendo os passarinhos com fome. As rolas lavadeiras, aquelas que lavam a roupa de Nosso Senhor, vinham conversar com ela, contavam-lhe histórias do céu. Mas um dia ela se pôs a olhar para o mundo bonito, para o céu azul e a alegria toda do canto dos pássaros. Na sombra da figueira, com aquele mormaço do meio-dia, adormeceu sonhando com o pai que andava longe e com os brinquedos que traria. E os sabiás pinicaram os figos da figueira. Era o que a madrasta queria. Pegou a menina, deu-lhe uma surra de matar, e a enterrou ainda viva, na beira do rio. De volta o pai chorou como um desgraçado, com a notícia da morte da filha. A

madrasta contou que a menina adoecera desde que ele botara os pés fora de casa:

— Não houve remédio para a pobrezinha.

Uma manhã, porém, o campineiro do engenho saiu para cortar capim para os cavalos. Uma touceira bem verde crescia do meio do capinzal. Ele meteu a serra. Ouviu então de dentro da terra uma voz muito de longe. Pensou que fosse engano de suas ouças, e meteu outra vez a serra. Aí uma voz doída, como a de uma alma sofrendo, levantou-se numa cantiga:

Campineiro do meu pai,
não me corte os meus cabelos.
Minha mãe me penteou,
minha madrasta me matou,
pelos figos da figueira
que o passarinho picou.

O campineiro assombrado correu para chamar o senhor de engenho. E voltaram com a enxada, e cavaram a terra. A menina estava verde como uma folha de mato. Os cabelos crescidos em touceiras de capim de planta. Os olhos cheios de terra. E as unhas das mãos pretas e enormes. O senhor de engenho chorou feito um doido, abraçando e beijando a filhinha. No engenho foi uma festa, que durou mitos dias. Os negros dançaram coco duas semanas. Muitos escravos tiveram carta de alforria. E amarraram a madrasta nas pernas de dois poldros brabos. Os pedaços dela ficaram pela estrada, fedendo.

Havia também umas viagens de Jesus Cristo com os apóstolos. Chegava Jesus para dormir num rancho com os seus companheiros. Os donos da casa eram pobres de fazer pena. Nem um pedaço de pão tinha para os hóspedes. Jesus mandou Pedro buscar o saco que ficara com os mantimentos.

— Mestre, o saco está vazio.

— Homem de pouca fé, vai ver o saco.

São Pedro sabia que deixara o saco sem coisa nenhuma, mas foi. E encontrou duas cargas de farinha e de carne na porta.

São Pedro nestas histórias era um homem que só acreditava no que via e estava sempre levando carão de Nosso Senhor.

A velha Totonha sabia um poema a propósito do naufrágio do piquete Bahia nas costas de Pernambuco. Naufrago contando o que vira do desastre:

Oh que dia de juízo!
Oh que dia de horror!
Só as pedras não choravam,
porque não sentiram dor...
Ó mestres e contramestres,
pilotos e capitão,
vamos ver nosso Bahia
se quer afundar ou não.

Incidente por incidente eram narrados nestes versos: meninos agarrados com as mães em prantos, um choro agoniado de gente que vai morrer; a água entrando por dentro do navio; uma velha se salvando num garajau de galinhas; um homem rico chamado Pataca Lisa correndo para dentro do camarote para buscar um pacote de dinheiro e não voltando mais; foi ao fundo com a sua riqueza. Todo o poema era uma abundância de detalhes. E na voz plástica da velha, a tragédia parecia a dois passos do ouvinte Lins do Rego e seus colegas. Lins, conta que ficava arrepiado com esse canto soturno. Vinha nele então um medo antecipado de embarcar em navios, pelo horror das cenas do naufrágio desse pobre Bahia”.

Depois Dona Totonha saía para outros engenhos, e Lins ficava esperando pelo dia em que ela voltasse, com as suas histórias sempre novas para os ouvintes. Porque ela possuía um pedaço do gênio que não envelhece.

Assim é Janny Linhares Fortes, na Vila Dois Rios. — Crianças e adolescentes, pais e mães, param para ouvi-la no dia que vem aqui, por isso organizaram a festinha de ontem, para

homenagear a sua amiga professora Janny, pelo seu aniversário na casa dos setenta anos, e ainda a testa de um trabalho comunitário que já resultou na fundação de uma biblioteca para a comunidade da Vila, possuindo hoje um acervo organizado por ela, com mais de mil e novecentos livros de valor incalculável, como esta preciosidade que eu acabo de descrever um pedacinho. Como exemplo, na Biblioteca Comunitária da Vila Dois Rios, tem Jorge Amado, Rachel Queiroz, Machado de Assis, Cecília Meireles, Monteiro Lobato, Bernardo Guimarães, Eça de Queirós, José de Alencar, José do Patrocínio, Orígenes Lessa, Aluísio de Azevedo, José Louzeiro, Érico Veríssimo e muito mais. Gerando uma fortuna no campo da cultura de todos os tempos. Seus feitos ninguém há de um dia esquecer, porque não há jeito de cair no esquecimento de um povo. Uma obra de muito trabalho e carinho de anos a fios, persistentes de uma pessoa que vai além dos livros: Ela conta histórias para o seu público. E com isso travou uma luta por tanto tempo junto a população. Recebeu ontem uma pequena homenagem pela admiração de todos nós, estima e gratidão que temos pela mestra que soube incentivar no jovem a maravilha da leitura e sentir a presença dos personagens vividos nas encenações de cada dia que junto as crianças vivenciam a história de um mundo diferente. O resultado é este: a admiração de pais, mães e filhos. Meus parabéns pelo trabalho e pelo aniversário.